

APRESENTAÇÃO

O dossiê do volume 23, n.1 da revista *Em Tese* tem por tema **Literatura e Democracia**. Na chamada, aberta entre janeiro e abril de 2017, já estava explícita a amplitude do nosso desejo: queríamos, antes de posicionamentos, tensionamentos. E felizmente vários foram os que pensaram em meio (e sobre) à crise.

Estão lado a lado neste número muitas respostas às nossas provocações, artigos que mergulham nas relações entre literatura e democracia das mais variadas maneiras. O **Dossiê** é inaugurado com texto de Sandro Ornellas, que aproxima Fernando Pessoa e Giorgio Agamben em busca de estratégias de resistência à lógica da produtividade. Em seguida, João Alves Rocha Neto nos apresenta um ensaio sobre a função de resistência da palavra poética, a partir de Mallarmé e na companhia de outros poetas e filósofos. Luciene Pereira parte do conceito de cordialidade de Sérgio Buarque de Holanda para

analisar as relações de poder em “A Benfazeja”, de Guimarães Rosa. Deivis Garlet e Rosani Umbach defendem em seu texto a existência de uma estética democrática em José Saramago, com destaque no artigo para *Ensaio sobre a Lucidez*. Taís Clark e Rafael Silva passam pela Literatura, pelo Direito, pelo Urbanismo e pela Filosofia em busca da crítica e da real potência dos termos “Literatura” e “Democracia”. Norma Hamilton lê *O Som e a Fúria* de William Faulkner em busca das relações entre as múltiplas vozes do romance e noções de representatividade. Marília Boldorini, Roberta Meira e Taiza Moraes nos apresentam uma análise foucaultiana do gênero biográfico e a análise das relações de poder e de controle na biografia de Olívia Maia Mazzoli. Pedro Castilho e Leo Bryan Lisboa fazem uma releitura de *Totem e Tabu* a partir das ressignificações feitas por Oswald de Andrade sobre os seus conceitos no *Manifesto Antropófago*. Arthur Kaminski da Silva compara as formas de representação das ditaduras





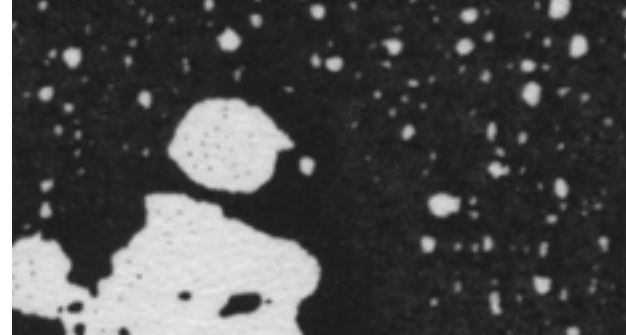
militares latino-americanas em *Volto Semana que Vem*, de Maria Regina Jacob Pilla, e *Na teia do sol*, de Menalton João Braff. Daniel Laks se debruça sobre a rede de resistência cultural criada por escritores do mundo lusófono e seus regimes totalitários do século XX. Por fim, Marcelo Maldonado Cruz lê o romance *Pedaço de Santo* a partir das relações entre memória, história e exílio e da reelaboração ficcional operada pelo autor do exílio político na ditadura militar brasileira.

Na seção **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura**, Maraíza Labanca problematiza o lugar acessório e a posição muitas vezes ilustrativa que a literatura ocupa nos currículos escolares, e propõe a reaproximação da aprendizagem de uma prática e de um fazer que considerariam a anti-institucionalidade da matéria literária.

Na seção **Crítica Literária, Outras Artes e Mídias**, Altamir Botoso analisa as trajetórias dos personagens

Macunaíma, de Mário de Andrade, e José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra de Reinaldo Arenas; a geografia “alucinante” dos personagens, em sua rebeldia, representa uma busca pela liberdade. Fábio José Santos de Oliveira, em seu artigo, indica paralelos e pontos de convergência entre a poesia de João Cabral de Melo Neto e a pintura de Piet Mondrian e Joan Miró, indicando que as menções de artistas plásticos na poesia cabralina também podem ser lidas como um comentário do poeta sobre si mesmo.

Na seção **Tradução e Edição**, Charles Bicalho traz para a língua portuguesa o prefácio do livro *Native Science: Natural Laws of Interdependence*, de Gregory Cajete, indígena do *pueblo* de Santa Clara, Novo México, EUA, em que “explora e registra a visão indígena da realidade, atravessando a arte, o mito, os rituais e os símbolos, bem como as práticas da ciência indígena”. Já Luiza Duarte Caetano traduz um excerto da



Introdução de *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800), de Madame de Staël, figura central na difusão do romantismo na Europa. Naylane Araújo Matos e Rosvitha Friesen Blume contribuem com uma discussão acerca dos paratextos presentes em *Wide Sargasso Sea*, da escritora dominicana Jean Rhys, e em sua edição brasileira, com tradução de Léa Viveiros de Castro. Por fim, Douglas Silva e Louise Marie Goodman apresentam a tradução do artigo “Sonhos sob ditadura”, em que a jornalista alemã Charlotte Beradt discorre sobre sonhos decorrentes de experiências em contextos ditatoriais.

A análise do Satã miltoniano em contos selecionados de Machado de Assis abre a seção **Em Tese** com o artigo “O Diabo dos contos de Machado de Assis: destino, herança e errância do Satã miltoniano”, de Miriam Piedade Mansur Andrade. Já Roniê Rodrigues da Silva e Licilange Gomes Alves fazem um

estudo sobre o (entre)lugar de Virgínia no romance *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, apontando para as situações de exclusão que a personagem vive. Melissa Cristina Silva de Sá, por sua vez, discute paródia e metaficção em *O Ano do Dilúvio*, de Margaret Atwood, e o abalo desses mecanismos textuais na fronteira entre realidade e ficção.

Em **Entrevistas**, Gustavo Bicalho e Douglas Silva conversam com Rogério Coelho sobre os *slams* e saraus de poesia em Belo Horizonte, sua potência literária e democrática e os encontros e desencontros desses novos espaços, novos artistas e novos temas de pesquisa com a academia.

Na seção **Resenhas**, Edneia Rodrigues Ribeiro trata da obra *A literatura como turismo*, organização de textos de João Cabral de Melo Neto que versam sobre algumas das viagens que o escritor realizou enquanto diplomata. A prosa epistolar de Luiz Ruffato, intitulada *De mim já nem se lembra*, é



resenhada por Lucas Zamberlan, em um trabalho que aborda as transformações do gênero romance. Victor da Rosa, por sua vez, debruça-se sobre a antologia de poemas, *Trilha*, de Leonardo Fróes, dando a ver os múltiplos sentidos que o título da obra adquire em cotejamento com os poemas apreciados.

Finalmente, a seção **Poéticas** traz as Breves Bandeiras do Estúdio Lampejo, um exercício de apropriação dessas plataformas visuais que tanto atraem e tanto assombram. Contamos também com um caderno-coletânea de parte da produção gráfica da oficina Vão nos dois últimos (e intensos) anos.

Boa leitura!

*

Aline Sobreira de Oliveira

Amanda Pavani

Carolina Anglada

Douglas Silva

Melissa de Sá

Rafael Fava Belúzio